

## VIDA E MORTE DE UM CENTENÁRIO NA PROSA DE LEVI BELTRÃO

Resenha da obra: BELTRÃO, Levi Lima Oliveira. **Diário dos meus 100 anos**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. 114p.

Francisco Neto Pereira Pinto<sup>1</sup>

*Diário dos meus 100 anos* foi publicado em 2019 pela editora Autografia e lançado festivamente em fevereiro de 2020. Trata-se da terceira obra literária de Levi Beltrão, que é membro da Academia de Letras de Araguaína e Norte do Tocantins – Acalanto. O diário, gênero literário escolhido pelo autor, deve ser entendido enquanto diário ficcional, uma vez que os relatos apresentados são invenções do autor como, por exemplo, seu aniversário de um século e a própria morte. Um dos aspectos mais marcantes do livro é a chamada de atenção para o aqui agora da vida, para a existência no seu acontecer, com seu frescor, ineditismo e novidade. Cada página é uma sacudida, como se narrador estivesse sempre dizendo ao leitor: *acorda, não se pode conduzir o viver no piloto automático*

O livro *Diário dos meus 100 anos*, publicado em 2019, pela editora Autografia, é a terceira obra literária de Levi Lima de Oliveira Beltrão, que teve sua estreia na cena literária em 2011 com *Caminho de pedras e rosas: poemas, contos e crônicas*, publicação independente, ao que se seguiu *Preto no branco: verso e prosa*, publicado em 2016, pela editora Prottexto. O artista, que é formado em Ciências Econômicas, e funcionário do Banco do Brasil, reside em Araguaína, Tocantins, desde 2013, e membro da Academia de Letras de Araguaína e Norte do Tocantins – Acalanto, desde 2022. Como se pode perceber a partir dos títulos dos três livros,

---

1 Psicanalista, Escritor e Professor. Doutor em Ensino de Língua e Literatura, pela UFT. É docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT e nos Cursos de Medicina, Direito e Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Unitpac. Lançou recentemente, pela Editora Mercado de Letras, o livro infantil *O Gato Dom*.

*Diário dos meus 100 anos* guarda singularidade por ser o único escrito apenas em prosa, configurando-se, na verdade, como uma narrativa longa de 101 páginas.

Como anunciado a partir do título, trata-se de um recorte do diário – recorte porque ao que o leitor tem acesso é apenas ao que é escrito durante o dia de 8 de julho de 2076, aniversário de 100 anos de um senhor cujo nome não é revelado. Levi arquiteta sua obra de um modo a nos levar a pensar que a voz que enuncia no diário seja, de fato, a sua, em uma conversa íntima e cativante durante todo o dia em que, por um exercício de imaginação, seria o do seu centenário em um futuro distante. A escrita é fluída e o texto segue a direção dos pensamentos e memórias do idoso que vai apresentando sua história em um vai-e-vem, presente-passado, em que revisita a infância, o trabalho, as amizades, os amores, as vivências familiares etc.

A tessitura linguística não impõe dificuldade alguma a uma leitura rápida e prazerosa, de modo que o diário inteiro pode ser lido em uma única tarde. Porém, do ponto de vista estético, enquanto obra de arte, alcança momentos de fina elaboração, como no recorte que segue, em que se apresenta uma reflexão sobre a vida, a morte, e a aventura do viver:

a bela ventura do viver reside nas coisas simples, nas coisas mais inconscientes. A vida tão arisca e de tempo renhido procura nos entorpecer como se fosse uma mãe que acompanha seus filhos à sentença de morte, ela inventa afazeres, distrações. Noites longas, eventos exaustivos, tudo para que não sintamos o passar das horas. Para nós, os homens, seria um peso enorme perceber as coisas da vida como as são. Precisamos desse bálsamo da simplicidade e, por vezes, da ignorância (BELTRÃO, 2019, p. 55-56).

Como se percebe no recorte, a relação mãe/filhos é utilizada como metáfora para iluminar como a vida, desde o nascimento, conduz os viventes à morte. A perspectiva trágica chama a atenção para o fato de que a morte está sempre à espreita e até mesmo infiltrada no real da vida, de modo que, perceber, para o homem, como a vida realmente é, seria um peso enorme, o que coloca a ignorância, por vezes, como um bálsamo. Esse exemplo ilustra como a prosa de Levi sob o aparente convite à leitura fácil adiciona uma camada de densidade que, querendo o

leitor, convida a uma pausa para o pensar mais demorado. Tudo depende da disponibilidade de tempo e do interesse investido na leitura.

Uma outra característica de *Diário dos meus 100 anos* é que a complexidade se instaura não apenas pelas temáticas que são, por assim dizer, universais, ou seja, do interesse de qualquer pessoa, mas também pelo ponto de vista adotado pelo narrador: o questionamento. O aniversariante, com seus cem anos de idade, não adquiriu certezas fixas, como quem já sabe muito da vida com a experiência que somente um centenário de existência pode oferecer. O senhor idoso, muito pelo contrário, dedica o seu último dia de vida à busca da lucidez, posição que apenas pode ser conquistada pelo exercício da dúvida honesta. Há, também, do início ao fim, uma posição crítica que questiona a desatenção tanto da sociedade/humanidade, quanto do próprio aniversariante. Nesse sentido, é importante ressaltar que Levi jamais adota uma perspectiva maniqueísta, simplista, como se tudo tivesse errado ou certo com a humanidade, com os outros, ou como se toda a sua vida tivesse sido construída somente com vitórias ou derrotas, como expresso no seguinte recorte: “os homens distraídos me parecem tão presos, tão guiados por coisas alheias às suas cabeças...E eu me pergunto: por que já fui assim um dia?” (BELTRÃO, 2019, p. 68).

Esse pequeno trecho funciona como uma mostra, ao nosso ver, da tônica dessa mais recente produção de Levi – a chamada de atenção para o aqui agora da vida, para a existência no seu acontecer, com seu frescor, ineditismo e novidade. Cada página é uma sacudida, como se narrador estivesse sempre dizendo ao leitor: acorda, não se pode conduzir o viver no piloto automático. Cem anos não é uma sentença, não é a morte, não funciona, tampouco, como autorização para a letargia. Morre-se apenas quando se morre. Não se pode, portanto, se demitir da responsabilidade pelo seu destino até que a morte chegue, como diria Carlos Drummond, a cavalo de galope e com uma tacada nos leve embora como já o fez com muitos de nossos familiares e amigos. A morte do senhor centenário chega, enfim, ao final do dia, como uma surpresa, como deveria ser, aliás, para todo mundo, com suas raras exceções.

O final do diário, de fato, guarda muitas surpresas. Além da morte do aniversariante, o que se percebe é que o diário, na verdade, poderia ser lido também como um romance – e esta é apenas uma hipótese, que não pode ser desenvolvida nesta resenha, mas que é lançada ao leitor como uma isca para aguçamento da curiosidade. Clara, o grande amor da vida do nosso narrador, aparece, como uma visão, para levá-lo desta vida. Não é pouca coisa que Clara seja o único nome dado ao leitor ao longo de 101 – nem mesmo o centenário se dá a conhecer: seria por que o sentido mais forte de sua existência esteja ligado ao seu amor por Clara?

Como um narrador machadiano, o aniversariante escreve as últimas linhas depois de sua partida. Talvez para brincar com o leitor, dizendo: presta atenção com lê, porque isso não é um diário. Talvez seja o autor, Levi, ainda que inconsciente, anunciando novos voos de escrita. Estaria, assim, nascendo um romancista? Seja pelas razões já apresentadas, seja por muitas outras que, como toda obra de qualidade, *Diário dos meus 100 anos* certamente possui, fica neste texto consignado o convite a uma boa leitura do *Diário*, ou seria do romance?

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. **A paixão medida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.